

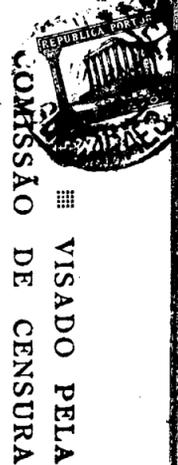
NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A — 1.º e 2.º Andares — Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Farpas

Homenagem justa

A medida que o tempo vai passando, torna-se mais evidente a homenagem que é devida à memória de Bernardino Jordão.

Zé da Aldeia, que nas colunas deste jornal tem desenvolvido uma acção brilhante e meritória na defesa dos interesses de Guimarães, voltou a lembrar que se procurasse substituir a denominação actual do Teatro pelo nome que primitivamente fôra adoptado e que, pouco antes da inauguração, teve de ser modificado.

Conquanto se não compreendam muito bem os motivos que levaram, a poucos momentos do acto inaugural, a pôr em execução imediata uma portaria que não tinha ainda sido tão rigorosamente aplicada em casos idênticos, parecemos que deverá ser um pouco difícil conseguir a revogação do que então se estabeleceu.

Tentar mais uma vez que, em justa homenagem, se procura conseguir tal revogação, achamos bem. Mas partindo da hipótese, aliás provável, de que tal se não conseguirá, não nos parece razão para desânimos.

Falou-se, em tempos, que alguém, ou que uma comissão, se propunha conseguir donativos para ser colocado no átrio do Teatro um busto de Bernardino Jordão.

Tal ideia, que me não parece ter sido posta de parte, tem agora a sua oportunidade de realização.

Devo confessar, para evitar malévolas intenções da crítica fácil ou os salpicos da baba venenosa de certos homens-venenos, que nunca devi a Bernardino Jordão o mais pequeno dos favores que êle me pudesse conceder.

Livre sempre na minha maneira de apreciar os homens e os factos, sem auscultar a opinião que se possa formar do que digo ou do que escrevo, traço sempre, com firmeza e com clareza, a minha directriz.

E exactamente porque, muito antes, faço o balanço dos prós e dos contras que me podem acompanhar, tenho podido chegar ao fim, serenamente, sem motivos de arrependimento.

Invariavelmente só atiram pedras os que mais tem telhados de vidro. Mas, como é bem de ver, não nos interessam nesta ocasião, os que, constantemente, estão a fazer estragos nos seus próprios telhados.

Como iam dizendo, entendemos que é chegada a oportunidade de se prestar a homenagem de justiça que é devida a Bernardino Jordão. Com ou sem Teatro Jordão, podem todos os vimaraneses, no átrio do Teatro que Jordão mandou construir, saldar a dívida em aberto.

Bernardino Jordão, porque dotou a nossa Terra com um melhoramento a que outros não conseguiram meter ombros, tornou-se crêdor da estima e veneração dos vimaraneses. E agora que êle já não é deste mundo é que melhor, mais alto e mais eloquentemente se pode demonstrar que, em Guimarães, a gratidão não é uma palavra vã.

São João das Caldas,
4 de Julho de 1940.

X. X.

Notas da Semana

A gana do bicho açambarcador está sempre a ver onde há-de apanhar a presa. Desta vez, foi o sulfato de cobre que em várias terras do País desapareceu do mercado, facto de que foi dado imediato conhecimento ao Ex.º Ministro da Agricultura, conforme alguns jornais noticiaram, notícia que serviu de travão à ganância dos açambarcadores e que deu como resultado o aparecimento do referido produto exactamente nas mesmas terras onde a sua falta se fazia sentir. Os açambarcadores, sempre tirânicos, deshumanos e brutais, receberam os efeitos de providências severas e não esperaram que os fizessem recuar pela acção violenta dum freio rígido e implacável. E o sulfato de cobre principiou a aparecer nos Mercados. Quanto a Guimarães, não nos consta que tivesse havido essa alta.

A rapaziada de todos os estabelecimentos de ensino do País está em maré de cólicas. Assim acontece à grande maioria dos alunos que têm de ser submetidos a provas de exames, acto que é, para o maior número, um pesadelo difícil de suportar. O exame tem sido, em todos os tempos, uma espécie de bicho-papão, quando, afinal, nenhuma razão há para o considerarmos assim, visto que os alunos são tratados com delicadeza e com moderação, sem prejuízo, é claro, da observância dos preceitos disciplinares e dos da justiça que a cada um deve ser feita. Em Guimarães, estão a correr os exames dos alunos do liceu, da Escola Industrial e Comercial e das escolas primárias oficiais e particulares. Estes últimos são os da 3.ª classe, para os quais funcionam 3 júris, sendo um presidido pelo Delegado do Director Escolar, sr. professor João Rodrigues Marques, lugar que já desempenha há alguns anos e no qual se tem sabido manter com apuro e dignidade. Sem violências e sem intransigências desairosas tem exercido uma acção coroada dos melhores resultados para a expansão do ensino primário neste concelho. Tem sido, portanto, um bom colega e um bom cooperador da obra instrutiva e educativa que os seus superiores procuram realizar. Embora sejamos estranhos ao professorado, são estas as referências que temos ouvido fazer ao referido funcionário.

Realiza-se mais um ano a Grande Romaria de S. Torcato, outrora a maior romaria do Minho, mas à qual o decorrer dos anos tem trazido uma decadência bastante sensível, ultimamente mais acentuada com a falta de propaganda. Não sabemos se por espírito de economia, se por negligência ou, ainda, se por incompetência tem-se deixado cair em quasi melancólico estado a grande e tradicional romaria de S. Torcato, noutros tempos a primeira entre as primeiras. A responsabilidade do que está a acontecer quanto à falta de propaganda — que continua a ser um factor de primeira ordem em casos desta natureza — pertence a alguém e deve ser esse alguém quem deve trilhar outro caminho... Deixar passar a romaria grande de S. Torcato à categoria de uma banal festarola é o mesmo que colocar o retrocesso onde deve estar o progresso. Oxalá, pois, que um minucioso exame de consciência conduza ao arrependimento as pessoas que concorrem para isso. Assim o desejamos.

Continuamos a lembrar que a Polícia de Segurança Pública em serviço na cidade de Guimarães é muitíssimo insuficiente. Não queremos que nos chamem impertinentes, mas o certo é que se trata dum assunto que não pode ser esquecido. Guimarães, com tantas vezes se tem afirmado, precisa de uma Esquadra com o mínimo de 30 Guardas para o serviço de policiamento, porque o contrário não dá certo. Os pobres de fora continuam a mendigar na cidade; os passeios das ruas continuam tomados pelas peixeiras, galinheiras, etc.; os garotos continuam a saltar sobre os bancos do jardim e a jogar o foot-ball nas ruas, etc., etc. Como se vê, da falta de policia na via pública resulta o que acabamos de dizer e mais o que desta vez não dizemos.

talvez com destino ao S. Torcato, têm sido às dezenas — para não dizermos às centenas — os pobres que nesta semana têm andado cá pela cidade.

Cegos, aleijados, raquíticos, etc.,

POETAS VIMARANENSES

Fôrça apocaliptica

... Eu digo-lhe a você porque não faço
E não componho versos como dantes:
— Porque me sinto raso de cansaço
E já não tenho sonhos fulgurantes...

Porque vejo a maldade a-par-e-passo
Duma traição enorme, e, coruscantes,
Olhos de monstros fitos no espaço,
Fitos na terra inteira e mar's distantes...

Porque vejo um inferno em convulsões
A querer esmagar religiões,
O sentimento, a crença, a humildade...

Porque um poder estranho, retrocesso,
Fará ruir, talvez, o universo,
Reduzirá a pó a humanidade...

Junho de 1940.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

Romaria Grande de S. Torcato

Conforme temos noticiado e com o programa que inserimos já num dos últimos números, realiza-se hoje, nas proximidades de Guimarães, a Romaria Grande de S. Torcato, considerada como uma das maiores deste Minho alegre e cheio de encantos.

As festas iniciaram-se já ontem com festejos públicos e Vésperas Solenes no Santuário.

O programa de hoje é, em resumo, o seguinte: *Alvorada, Missa Campal na frente do Mosteiro, Missa solene, a grande instrumental, às 11 horas, seguida de sermão. De tarde arraial, majestosa Procissão e deslumbrante Cortejo Alegórico. À noite, arraial com iluminações, concertos musicais, fogo de artifício de conhecidos pirotécnicos do Norte do Paiz, etc., etc.*

GAZETILHA

Está o mundo em reinação,
canta bem alto o canhão,
anda tudo num bailado.
As nações, cheias de humor,
tocam corneta e tambor,
— é um arraial «atestado»!

Muito povo, de dançar,
sente a energia falhar,
deseja a festa acabada.
Mas o pagode não pára
porque o acciona a tãra
de muita «alminha danada».

Atropelam-se as crianças,
essas lindas esperanças
tam dignas de compaixão.
E até trôpegos velhotes
apanham tais «piparotes»
que vão 'spalhar-se no chão.

Quem não fôr ao arraial,
sabido como faz mal,
por feliz se pode dar;
porque naquele «apertete»
apanhar com um foguete
é coisa muito vulgar.

Há ainda para queimar,
com prémios a disputar,
fogo vistoso e valente.
Eu não sei quem ganhará,
mas garanto, desde já,
que vai queimar muita gente.

BELOATOUR.

de tudo por cá tem passado, o que prova que a miséria ainda é muita em outras terras que não fazem como Guimarães, terra esta onde se olha pela pobreza em muito larga escala. Pena é que o exemplo de Guimarães não frutifique mais.

X.

Críticas Pequenas

É das velhas tradições que o Sam João nos traga as suas orvalhadas.

Este ano, até valentes bategas nos trouxe. E um frinho de lembrar Novembro.

As fogueiras de Sam Pedro, essas depressa nos ofereceram um calorinho frutificante.

E foi o Sam Pedro que nos apresentou a *Ação Católica*, herdeira da *Voz da Verdade*, desde 1916, com as alocações braguesas do Senhor Arcebispo e do Sr. Cónego Barreiros nas Festas Centenárias.

O venerando Primaz demonstrou à sociedade que conhece os mimos de Bernardes e calca belamente as pègadas de Herculano.

O Sr. Cónego Barreiros confirmou o seu vasto saber de Arqueólogo emérito.

Domingo 30.

Já temos 29 centígrados! Desce do Marão, com indicação do Museu Etnográfico, o feiteiro volume *Naquele tempo...*

Uma SOCIEDADE de raízes fundas faz-me devorar bem depressa o mimo gentil.

Aquela excelente prosa, condimentada com folclorismo em narrativa pinturesca, a lembrar tipos e a focar caracteres, aquelas historietas reais a mexer por vezes o cós das calças, fazem a gente gozar uma tarde quente num aconchêgo de sombra amiga.

Formoso livro em doce folclorismo!

E o livro do meu coração?

A colecânea do nosso Delfim?

¿O escrínio dos seus poemas, saturados de sentimento, moldados em suave ritmo?

Duas vezes saboreei a preciosa Antologia do seu estro já publicado em fôlhas que o vento leva.

Sempre me embala a alma o doce cantar do Poeta. Mas...

Da negrura da capa tenho pena!

G.

Ainda o Número Especial do

«Notícias de Guimarães»

Os nossos prezados colegas «A Ordem», do Porto e «O Barcelense», de Barcelos, referiram-se também, com palavras amigas e elogiosas, ao Número Especial do «Notícias de Guimarães» publicado por ocasião das Comemorações Centenárias.

Agradecemos as amáveis referências.

se-á, na Praça de Touros João de Melo, conforme temos já noticiado, uma sensacional Garraizada, em que devem tomar parte elementos valiosos.

A Comissão promotora das Feiras Francas é presidida pelo nosso prezado amigo e estimado vimaraneses, sr. António José Pereira de Lima, representante da Câmara Municipal. Aquele nosso amigo é coadjuvado na organização das Feiras pelos também nossos amigos srs. Américo Ferreira, Francisco Ribeiro de Castro, Rodrigo Fernandes Abreu, etc.

De esperar é, pois, que as Feiras resultem brilhantes.

Dos Livros.

Dos Jornais

João Pedro Monteiro — In Memoriam — 1838-1938.

É uma obra piedosa de amor filial. O Sr. João Monteiro, a quem, e desde já, apresentamos nossos cumprimentos de agradecimento, por nos haver honrado e penhorado com a gentileza da sua cativante oferta, e de felicitação pela maneira elegante, carinhosa, finalmente delicada como dirigiu e construiu este precioso *rellatório*, quis, num livro em que reuniu preciosa e distinta colaboração evocar a memória querida de seu extremo Pai, Joaquim Pedro Monteiro. Se a devoção, só mesmo já em si, no seu intuito e destino, é crêdora de todo o respeito e digna de muita simpatia, ela mais ainda é justificada e do maior aplauso pois o homenageado era um homem bem merecedor da tocante homenagem. Honra o filho a memória do Pai e a memória do Pai, alta e sã, perdura viva, para além da morte, no coração e no espírito dos que o conheceram e estimaram. Quis o acaso — e o acaso tem, por vezes, destas singulares coincidências — que aquele de nós autor destas linhas, ao ver o magnífico retrato, que vem logo no princípio do *In Memoriam*, logo se recordasse de ter visto — e com quanta saúde o recorda! —, em pessoa, vivo, forte, mexido, alegre e bom, esse homem, figura tão simpática, viril e característica, em Lisboa, na Praça do Campo Pequeno, em célebre tarde de toiros. Logo ali, alguns apaixonados e frequentadores certos do mesmo sector, lhe disseram o nome, os feitos e as qualidades; e falaram do homem, que todos conheciam e queriam, com a mais viva simpatia e sincero entusiasmo. Assim o conhecemos, sem nos conhecermos, como ele era e verificamos a perfeita justiça das palavras, com que agora, infelizmente desaparecido dos vivos, o lembram e evocam.

Sirva isso a seu filho de lenitivo à dor de o haver perdido, pois, essa, é «mágoa sem remédio».

António Lobo Vilela — Hipóteses metapsíquicas — Edição da Sociedade de Portuense de investigação psíquicas — Rua Alvares Cabral, 22, 26 — Porto.

O autor, licenciado em Ciências, Matemáticas e Engenheiro geógrafo, que tem já no seu activo de publicista várias obras didáticas e literárias, depois de pôr em relevo a importância que os fenómenos supranormais vem assumindo, como factores preponderantes na génese, evolução e exercício das práticas religiosas, na literatura de todos os povos, e relatar as várias teorias que pretendem explicá-las, desde *Mesmor*, que as estudou, e cuja obra, publicada em 1765 e 1779, se pode dizer a primeira que reveste certo aspecto sistemático, propoi-se, em forma sucinta, estudar as hipóteses de explicação dos fenómenos espíritos, que fazem parte do novo ramo de psicologia — a *metapsíquica*.

Essa exposição é sóbria e inteligentemente duvidosa, por forma não só a levar o leitor, menos ainda preparado, a uma noção precisa do problema, problema palpante mas sutil e difícil, mas ainda a tornar a leitura agradável e sugestiva. Não era esse pequeno embaraço, e, vencendo-o, como o autor, que demonstra cuidadoso estudo do caso e notáveis qualidades de assimilação e exposição, o venceu, deixou bem provado o seu engenho didáctico.

Por isso o felicitamos, com nossos agradecimentos.

Delfim de Guimarães — O livro do meu coração — Edição da autor — 1940.

Este livro de cantilações e sombras é dedicado pelo Poeta — ao Povo humilde da minha terra — ao bom povo de Guimarães, sob a invocação daqueles versos do grande e saúdoso João de Meira.

E pois não lembra quem desaparece, Dizei ao povo não não me esqueça, não, Qua a minha alma também o não esquece.

O Poeta, e essa qualidade de per si o impunha gratamente à nossa estima, tem como vibra natural, efusiva, aliciente da sua inspiração o amor à sua terra e aos da sua terra: quatro dos seus livros publicados a ela se dedicam e a ela cantam com aquela comunicativa eloquência, ingénua mas convicta, clara e forte, de estro não postiço, que só dá o sentir verdadeiro — «Sol da nossa terra», «Brdulio Caldas», «Pro-Monumento», «Manhã de S. João». Talvez por isso mesmo, sem negalho de artifício, se estabeleceu entre sua obra, sábia,

Horas bárbaras

XXXVIII (1)

Pela convenção de Sieradza, celebrada na Páscoa de 1432, Jagelão, querendo assegurar o reconhecimento do direito de seus filhos ao trono da Polónia, embora com reserva para a Dieta de eleger qual deles seria o herdeiro da corôa, regulou-se o *modus vivendi* da nobreza, que foi como o seu estatuto durante alguns anos. (Foi nesse documento que se fez a declaração expressa de que, à morte do Gran-Duque Segismundo Kestuitowitz, a Lituânia e o Reuss passavam ao poder do rei como territórios hereditários.) Reconheciam-se como assentes os privilégios adquiridos ou usufruídos pela nobreza e pelo clero e que as dignidades e emprêgos se deviam conferir aos nobres dos respectivos países, não podendo conferir-se ao governo de qualquer fortaleza, castelo ou cidade a estrangeiro, nem a duque ou a indivíduo de «sangue ducal»; os nobres obrigavam-se a defender as fronteiras de qualquer ataque; regulava-se a questão dos nobres, quando feitos prisioneiros de guerra, e o pagamento das lanças, nas campanhas, travadas fora do país, assim como a cobrança dos impostos; nem o rei, nem o príncipe, eleito como sucessor, podiam cunhar moedas sem consentimento expresso dos prelados e barões; determinava-se que os estatutos do rei Casimiro deviam ser rigorosamente observados.

No tempo de Segismundo I.º, como, então, de passagem notamos, a *Szlachta* estava verdadeiramente indisciplinada. Apesar da sua aristocracia guerreira, e das obrigações por ela assumidas, nos momentos precisos, sob as ameaças ou no estado de necessidade da guerra, o monarca via-se obrigado a valer-se dos mercenários, enquanto os nobres, indiferente e amolecidamente, discutiam precedências, hierarquias e privilégios! Assim acontecera, em 1537, quando Segismundo pôs em movimento contra a Moldávia um exército de 150.000 homens. E, todavia, a sua opressão sobre a lavoura chegava ao auge da exploração feudalista. Foi por isso, nota Onckon, que a Reforma teve particular importância na Polónia, embora severamente repelida, e castigada como em Dantzig, no ano 1.526, a sua propaganda.

Mas aquela indisciplinada nobreza vinha, se pode assim dizer-se, sendo como que juridicamente fundamentada, para não escrevermos antes, e daí talvez com mais propriedade, estabelecida.

Pelo *statutum Alexandrinum*, Alexandre, sucessor de seu irmão João Alberto, abdicava das já raras prerogativas das corôa no Senado e nas Dietas: todas as leis, todos os regulamentos da administração pública deviam ser submetidos às deliberações e aos votos das assembleias; nenhum imposto podia ser lançado sobre os contribuintes (agricultores ou burgueses) senão pelos comícios nacionais e pelo senado permanente; todos os cargos públicos seriam pagos pela nação.

Matton escreve uma síntese perfeita desta parte importantíssima da história interna da Polónia: «A obra externa, diz ele, dos Jagelões não se conseguiu sem mérito e sem custo, porque as guerras continuas complicavam-se de conflitos, que ameaçavam, no interior, a autoridade real. Sob os Piast, a alta nobreza havia, por mais de uma vez, disposto do trono e o seu poderio havia aumentado paralelamente ao do alto clero. Mas, no século XV, enfraqueceu seu papel político, enquanto a pequena nobreza dos proprietários, *szlachta*, sempre chamada para combater os Tártaros ou os Turcos, alcança o seu acesso à vida pública. Obtem, a princípio, a inviolabilidade dos seus membros em caso de delito, até ser realizado o julgamento formal; vai criando o costume de se reunir em assembleias ou pequenas dietas para discutir a sua parte a tomar nos encargos e impostos, novamente estabelecidos, de que antes andava isenta, de modo que, cedo, Casimiro IV, que, sem o querer, favorecera essa evolução, no propósito de quebrar a oligarquia dos magnates, não pôde governar sem as pequenas dietas. Quando ele pediu cavaleiros para lutar contra os Teutónicos, em 1454, a *szlachta* obrigou-o a consultá-la sempre de futuro para todas as questões graves. E logo, após a sua morte, congregou-se em Dieta Nacional, arancando ao novo rei outros privilégios, que lhe permitiram reforçar a sua autoridade sobre as classes rurais e embargar o desenvolvimento da burguesia. Em 1505, em Radom, impôs mesmo um verdadeiro regime constitucional, de que ela era base.

Já nessa época, a Polónia era considerada uma «república real». O senhor de Hauteville, que escreveu, no século XVIII, a *Relation historique de la Pologne*, diz que a Polónia é propriamente uma república, e é assim que os Polacos a denominaram, pois têm os reis como chefes sômente. Na verdade, são extremamente ciosos das suas liberdades... São obrigados a obediência ao rei — mas desde que ele proceda com justiça e respeite as leis, as liberdades, os privilégios, tudo quanto prometeu guardar no juramento que fez após a sua eleição. Doutra forma, entendem que não são obrigados a obedecer-lhe; pelo contrário, são eles que juram, então, oporem-se às suas contravenções...

Podia o autor ter acrescentado que todo o polaco, que tenha uma propriedade e avós, considera-se como igual ao rei. «Como gentil-homem polaco, escrevia em 1602, João Zamogsky, e chefe da *szlachta* considero-me de sangue igual ao sangue real: venho de casa mais nobre do que qualquer rei. Não busquei títulos principescos, e recusei os que me foram oferecidos. Basta-me ser um livre gentil-homem polaco».

(1) Saiu errada a numeração destas notas em o n.º 437. Deveria ser XXVII.

laboriosa, cantante, e nosso modo
singelo de ver e viver perfeita e harmo-
niosa identidade. Pouco se nos dá
que se lhes afigure paradoxo de crísti-
ca, mas a verdade é que nos dão a
nitida impressão de versos *vimarane-
nenses* os versos do Poeta *Vimarane-
nense*.
Encosta a tua face, ainda macia,
A' minha dura face encarquilhada...
Assim juntos, a noite acorda em dia
E toda nos abraça em alvorada.
ou
Vós sois, águas palmeiras, o consólo
De muitos lábios secos de desejos...
... Brotais tam manselinhas dos outeiros,
Dos montes, serranias e valados...

Ó águas dos arroios murmurantes,
Ó águas tam branquinhas que correis:
Aonde é que ides vós, águas errantes,
E que dizeis baixinho, que dizeis?...
ou ainda naquela tam linda poesia:
Formosamente Santa se finou
E foi unir-se às Santas de Jesus!
E quando dêste mundo nos deixou
Adentro de sua alma nos levou
Numa fulgente auréola de luz!
que é das mais simples e tocantíssimas
orações aos mortos, salidade e
dôr pela morte de uma Mãe, que tem a
literatura portuguesa.
Em todos os livros e obra dispersa,
Delfim de Guimarães, que tantas vezes
nos tem honrado com a sua pre-

ciosa colaboração, sendo, como é, escritor abundante, trabalhador incansável, tem, sempre, naturalidade, espontaneidade, calor, porque é humano, verdadeiro e são.
Bem haja.

No próximo número:
A obra da *Editorial Inquérito*.
Revista de Guimarães: o número dos Centenários.
Cláudio Basto: A linguagem de *Fialho*.
Alfredo Guimarães: *Guia de Turismo*.

Vária

Como já dera o melo-dia

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Do Dr. José Pinto Rodrigues.

— eram horas de comer. A' esquina do Largo Municipal, também endomingado de fôlhas novas pelas acácias meãs, e de molhos frescos e vermelhos de flores em rosas de tocar, no *Hotel Belo Horizonte*, hoje só apagada memória doutros velhos tempos, arrepiara a sineta no bronze fãhoso as badaladas; e, em frente, na émula e mais convidativa *Pensão do Bom Regalo*, a venusina famula, de maritornica apajadura barrosa, sacudira o pano branco do serviço, à varanda, cujas grades de ferro, ao debruçar-se, lhe desenhavam, saliente, o ancho e forte contorno das ancas. O vasto quadrilátero do largo, com os dois cortes simétricos das fachadas pom-balinas, reluzia espelhadamente à lumieira do sol como um alguidar vi-drado. Desfizera-se, no adro da Igreja Matriz, o último conluio daquelas figas secas, miséria negra de inveja pulhastrona, onde corraera já voz de mexerico o assomadio do Cristóvão ao reles *Menino Bonito*, e vinham elas descendo a ladeira em passos lentos e graves de paz de alma. Era já ardoroso o tempo, mas soprava ainda, a espaços, levemente, certa graciosa aragem de frescura idílica, começando a enxovilhar-se no cheiro dos refugados.

Os dois barbeiros, o Chamiço e o Maragoto, de batas brancas felpadas dos cabelos da tosquia, vieram estanciar às portas, e espreitavam-se naquela diurna preocupação do apuro feito, base da sua tremenda hostilidade política, bocejosos, um a estalar os nós dos dedos, o outro a cocegar as nádegas. Ouviu-se o bater dos talheres, o chochalho dos pratos, no silêncio maior, a espessar-se com o ingurgitamento do comedio, alastrando e dominando toda a Vila. Longe, da estrada que vinha aboqueirar ao largo, estrepitou buzina de automóvel. E o bando das pombas, integrantes no quadro e do cenário da hora, revou e desceu. Mas logo tornaram a subir, cruzaram sombras rápidas, ora juntas em formatura, ora dispersas em pelotões, até que, como a sinal dado, posaram outra vez no largo, espalhando-se sob as janelas, à espera das migalhas.

A Milota, no alto da casa da *Estação dos Correios e Telégrafos*, imediata e pontualmente acudiu a atirar-lhes o seu budo de greiros de arroz.

Agora, mais perto, grasnou a buzina, e já o som do motor, o deslizar dos pneus — e o carro entrava no largo, enfreindo a marcha; hesitou, seguiu, um braço estendeu-se, a portinhola abre-se, e o *Epaminondas*, ainda a poucos passos do *Café da Vila*, talvez no regosio da malfeitoria e da apóstrofe, sente-se enrodilhado nuns braços.

— Ó sombra escura e triste do alegre sarcasmo! Tens ainda ossos no esqueleto, ou, na caveira, dentes da gargalhada que morde e uiva? Forte Epaminondas? Não me conheces já, marfó?...
— É ele efectivamente remofa-se, a sacudir o velho casaco amigo como de espertina à memória infiel: certo, certo, vira aquela cara mas noutra cara, e os olhos, o rasgo da boca, o traço pessoal — mas onde, como, e quando?

— Huu! Huu!
Continua.

A história dos reis é o martirio dos povos.

Padre Henri Grégoire.

Em *O homem que ri*, de Vitor Hugo, o interrogatório de Ursus pelos três Doutores:

- É verdade que fala em público?
- É verdade.
- Com que direito?
- Sou filósofo.
- Isso não é direito.
- Também sou saltimbanco.
- Então o caso é diferente.
- Como saltimbanco pode falar; mas como filósofo deve calar-se.

Os vivos sempre têm razão, porque aos mortos ninguém lhes presta justiça.

Stefan Zueig.

A vida humana tem duas infâncias e uma só primavera.

Marques de Rezende.

Luzir português entre portugueses, e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difícil na nossa terra. Com a luz alheia vi eu já luzir alguns;

mas com a própria, nem Santo António, quanto mais os outros.

António Vieira.

— A minha filha! — resmungava o tio Farrusco —. Querem saber da minha filha, da Ruiva... Súcia de tarimbeiros!...

Foi fazer uma caçada
A' serra....

Ainda hoje, o Nicolau, o que atira à vala as rezes que se abatem no hospital, me disse que a trazia ali. E' boa! Se eu bem vi o saco... e cosido que ele vinha.

A Ruiva em postas! Eh! Eh! Eh! calou-se, e depois:

— Também eu hei-de morrer. Quero lá saber daquela grande velhaca!

— Vamo-nos — disse eu, erguendo-me convulso. — Há uma coisa peor do que um cão danado: é um coveiro bêbedo.

(A Ruiva).

Fialho de Almeida.

Os teus olhos, bem amada,
São duas noutes cerradas.
Mas os lábios são de luz
Lá se cantam alvoradas.

Os teus seios — minha graça,
São duas postas de cêra,
Fôra a minha boca um sol...
Como êle as derretera!

Os teus lábios, flor de carne,
São portas do paraíso;
E o baquinhuo de S. Pedro
E' no teu dente de siso.

Qu'ria ter uma camisa
Dum tecido bem fiado,
Feita de todos os ais
Que o teu peito já tem dado.

Quando nos formos casar
Canta missa o rouxinol.
E o teu vestido de noiva
Será tecido de sol!

A bênção nos deitara
Algum antigo carvalho!
E por enfeites da bôda
Teremos gôtas de orvalho!

(O Senhor Diabo).

Eça de Queiroz.

Qual dos dois terramotos seria maior? Aquele cujas ruínas o Marquês de Pombal reparou, ou o que nós fizemos e não queremos reparar no que merecia emenda e restituição?

Rebello da Silva.

O hipócrita é santo pintado; tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão, mas não lê; os olhos no chão, mas não se desestima.

Manuel Bernardes.

A GLORIFICAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Brilhante alocação proferida pelo Ilustre Académico, sr. Dr. Júlio Dantas, na Academia das Ciências

A Academia das Ciências de Lisboa celebra hoje a Festa da Língua Portuguesa.

Voz do povo; alma da raça histórica que se criou, para altos destinos, no extremo ocidental europeu; veículo de uma cultura deslumbrante; instrumento de expansão, de fé, de império, a língua portuguesa formou-se com a Nação; evoluiu com ela; acompanhou-a na sua marcha ascensional até ao fastígio e ao esplendor do século XVI; é obra do nosso esforço colectivo, produto da nossa própria História, criação de oito séculos, cujos elementos vitais se geram no caos linguístico peninsular — confuso caldeamento romano, germânico e semita — e que nós entregamos, escultural e eterna, à continuidade das gerações. Nação e língua confundem-se no nosso património integral. E, se considerarmos que as primeiras formas do português escrito remontam precisamente ao século XII (o documento mais antigo, o *Cronicon Idatii* não se considera autêntico), é legítimo afirmar que celebramos hoje, não apenas o oitavo centenário da Nação portuguesa, mas o oitavo centenário da língua portuguesa.

Harmoniosa, opulenta, incomparável maravilha! Três almas se chocaram, se penetraram, se fundiram no cadinho da História — a alma latina, a alma visigótica, a alma árabe — para que se produzisse a matéria, ao mesmo tempo forte e ductil, em que o povo português esculpiu a sua língua imortal. Vemo-la aparecer há oito séculos, nos primeiros monumentos escritos, bárbara, balbuciante, indecisa: vicejar, tímida ainda, na poesia dos «Cancioneiros», voz errante dos segreiros, sorriso dos doirados gineceus da corte e dos castelos, onde o amor preside à sua formação; é já fruto e flor na graça paraleleística do lirismo de D. Dinis, o grande «primtivo» da nossa literatura; narra a primeira batalha na prosa dos «Nobiliários», debruça-se na estante de arquibancos das tabeliães para expulsar o latim das cartas e dos diplomas públicos; ganha ritmo, movimento, expressão, timbres heróicos no tumulto das «Chronicas de Fernão Lopes», vastas tapeçarias animadas pelo génio de um assombroso jornalista do século XV, irmão de Froissart; brinca no

Lira Patriótica

Os Arautos do Amanhã...

(A' Mocidade Portuguesa)

Quem somos nós?... Deveis sabê-lo, ó gentes
Que inda viveis de embustes e de enganos...
'squecidos do que há mil e tantos anos
Um só traidor proporcionou aos crentes!

Nós somos o Resgate... os descendentes
Daqueloutros altivos lusitanos
Que nunca foram Judas nem tiranos,
Mas sim da Terra os defensor's valentes!

Nós somos a Certeza do Porvir,
Voz cristalina que Amanhã será
Clarim de Heróis estridulando a unir;

Clarim que a Pátria como escará
E o próprio Mundo poderá ouvir
Gritar altivo: — Aqui, traidor's não há!

E então, seremos nós, agora infantes,
Que a sangue, generoso, regaremos
A Terra estremecida em que nascemos,
Morrendo, a batalhar, como Gigantes!

Eia, Rapazes! Venham, arrogantes,
Descer à liça como nós descemos...
Para que a Glória os veja, como qu'remos:
Murallas de aço contra os assaltantes!

Pois se há trezentos anos tem havido
A Mocidade unida... Ai, quem pudesse
Tornar de novo ao Tempo já volvido!

Talvez que a Raça não se envilecesse:
A Pátria não teria sucumbido,
E até Camões, sofrendo, não morresse!

Capital do Império—Junho do Ano Aureo.

Altinino Gonçalves.

No próximo número: «Quem vive?...»

friso manuelino da «Miscelânea» de Garcia de Rezende; resplandece no políptico sumptuoso dos «Autos» vicentinos, onde os anjos ajoelham para ouvir falar português; ergue-se, enfim, no século XVI, com a majestade clássica dos templos e dos pórticos da Renascença — Damião de Gois, Sá de Miranda, as «Décadas» de Barros e de Couto, a grande Epopeia camoniana — escadarias monumentais por onde sobem varões de Plutarco, onde conversam heróis de Tito Lívio, arcos triunfais da língua imperial, em que a palavra humana adquire a sonoridade do bronze e onde parecem ouvir-se os bramidos longínquos do Mar. Desde então, a língua portuguesa pertence ao Mundo. E' o idioma internacional dos mercadores, dos navegadores, dos missionários do oriente. E' a língua francesa dos portos da Índia, a língua judicial dos escravos de Batávia, a língua diplomática dos príncipes orientais. Maurício de Nassau escreve em português as credenciais dos seus embaixadores; os enviados de Isabel de Inglaterra têm de falar português para que os entenda o imperador do Japão. E — facto sobre todos transcendente — uma grande Nação da América, criação do nosso sangue, obra do nosso esforço colonizador, fixa a língua portuguesa, encorpóra-a no seu património, cultiva-a, lapida-a, cinzela-a, guarda-a no coração, e aquela sabrosa linguagem em que Pero Vaz de Caminha lavra a certidão do baptismo do Brasil projecta-se como um claro do continente americano, torna-se a voz de cinquenta milhões de almas e o instrumento de uma nova civilização. A fala do velho lar — do lar português do século XII — universalizara-se. Recebemos um dialecto rude; criamos uma obra-prima.

E' essa obra-prima, depósito sagrado das nossas tradições, veio de ouro em que se moldaram as mais puras criações do espirito nacional — é essa obra-prima que a Academia hoje celebra pela voz de três homens eminentes, portugueses e brasileiros, que com a maior autoridade e o mais entranhado amor a têm servido. Cabe-lhe tão alta honra na qualidade de guarda fiel, vai para dois séculos, das riquezas do vernáculo; de centro de estudos filológicos, lexicológicos e gramaticais; de verdadeira chancelaria da língua para a obra política da sua unidade, do seu prestígio e da sua expansão internacional. Que tão nobres funções têm sido desempenhadas com elevação e dignidade prova-o o passado laborioso desta casa; os seus anais e os seus arquivos;

prova-o o acôrdo idiomático luso-brasileiro de 1931, que assegurou a unidade intercontinental da lingua portuguesa escrita; provam-no sobretudo — com legítimo orgulho o declarar — os monumentos que a Academia, neste ano aureo, oferece à Nação; parte do «Grande Dicionário Etimológico e Histórico da Língua»; o «Vocabulário Ortográfico Português»; a «Gramática Clássica», canone linguístico completo. E' com viva comoção que, em nome da Academia das Ciências de Lisboa, deponho simbolicamente estas obras na ara votiva perante a qual oito séculos de história se ajoelham: a Pátria.

Língua heróica, maternal e nobilíssima, voz do nosso próprio coração, língua em que balbuciamos as primeiras palavras, em que tantas gerações remotas exprimiram os seus júbilos, as suas dôres e a sua fé, língua da Oração e da Conquista, das batalhas e dos naufrágios, do esplendor e do Império, de Portugal e do Mundo — perdoa-nos se te servimos mal!

Crime de fogo pôsto na Escola Primária Oficial de S. Jorge de Selho (Pavidém)

O distinto professor primário oficial e nosso bom amigo sr. Joaquim Vasconcelos, comunicou à policia que mãos criminosas lançaram fogo à Escola Primária Oficial, de S. Jorge de Selho, (Pavidém), ficando completamente inutilizados os seguintes objectos: o arquivo escolar, desde 1933 a secretaria do professor, toda a documentação e respectivos livros do Julgado de Paz, da mesma freguesia, vários documentos pertencentes à Mocidade Portuguesa, dois quadros com o retrato do sr. Presidente da República, algumas bandeiras da Fundação, uma das quais em tamanho grande.

Pelas informações fornecidas na policia pelo referido professor, o edificio escolar estaria a estas horas reduzido a cinzas, se não fôsse a circunstância de o guarda nocturno da Fábrica Figueiredo & Filhos, da mesma localidade, Narciso da Silva, ter dado pelo requintado acto de malvadez. Este foi acto contínuo chamar o carpinteiro da mesma fábrica, José Joaquim Bastos, e, aos gritos dos dois, acudiram muitos populares que, de pronto, localizaram o incêndio.

O caso, deveras repugnante, causou a maior indignação no populoso centro fabril do Pavidém, trabalhando a policia na descoberta dos criminosos.

REPORTAGENS DO ANO ÁUREO

Por ALTININO GONÇALVES.

III

ESTÁ ABERTA A EXPOSIÇÃO

Comentários — Ambiência solene — A signa da Exposição — Ruflam as asas da Paz — A Pátria entoa a Portuguesa — A visita oficial — Passagem ao Povo — A "marcha" triunfal das marchas dos Bairros — "Ai vai Lisboa..."

Foi sempre inveterado hábito de portugueses, a par das inatas virtudes que os guindam a exemplo magnífico dos demais Povos, «resistirem», em especial nas classificadas camadas de *élite*, ao que se lhes indica, com o exemplo, ou se lhes prescreve, sob uma ordem.

Cada um, alçapremado por convicção ou conveniência, por espontânea decisão ou premeditado embuste, a situação de destaque, seguidor convicto ou *jongleur* habilidoso de uma ideia ou causa, sente um prazer esquisito em, contrariando e protelando o «naturalmente indicado», criar uma dependência secundária de sua pessoa e do âmbito do seu cargo, em contraste flagrante com a actuação que lhe vem de muito mais alto...

Hoje, como ontem, e como Amanhã mesmo, enquanto em Portugal a grande Revolução das consciências se não operar (que a das Ideologias está feita!), mercê de um Homem e de uma Vontade, o sintoma há-de revelar carácter endêmico e propagar-se assustadoramente!

Felizmente que há, por entre os mil adventícios, arrivistas e maus seguidores de todas as ideias e a verdade deve dizer-se para «alerta» de quem manda, e bem mereça da Grei — uma percentagem consoladora de «astros» luminosos da mesma, a vestirem-na do prestígio que lhe cabe e a preservá-la dos múltiplos «torpedeamentos» que a atingem, sem a pulverizarem, dados os seus fundamentos...

Mas, mesmo assim, quão triste não é verificar a «parede» que por aí se faz aos que evoluíram consciente e convictamente, por inteligência e reflexão, ao passo que tudo se escancara, freqüentemente, às nulidades mercenárias do Elogio Mútuu!

Paciência, porém! Quem comanda não dorme: vela e perscruta, analisa e profunda, observa e modifica! Desvirtuam-lhe a Doutrina? Conspurcam-lhe o exemplo? Contrariam-lhe os propósitos? Deixá-lo!

Um dia, se Vida e mando, como apeteçemos, lhe restarem, ele percorrerá a última etapa da Grande Revolução Nacional — a reforma radical das... consciências!

Entretanto, e não obstante o seu apelo aos «homens de boa vontade», quando estes surgem, não gritados pela fama, não sindicados do Elogio, não mascarados de hipotética valia e comprometido valor, e caem nas mãos patricias dos «alcandorados», nós, com milhares, continuaremos a ser, simplesmente, a pesar do nosso desinteresse, e dentro do acendrado desejo de honrarmos a Colectividade, que é a Nação, de todos afinal, como muito bem definiu o gigante da Poesia Guerra Junqueiro

«... forasteiros na própria terra natal.»

Não se surpreenda o leitor, amável e amigo, com este exórdio, na certeza de que ele só traduz, sem prejuízo do que hemos de lhe dizer acerca deste Ano Áureo da Raça, o nosso desgosto profundo de Portugueses, ante tratamentos de verdadeira excepção!

As nossas Reportagens serão feitas com toda a sorte de sacrificios, à falta das facilidades mais elementares e justificadas...

Domingo, 23, à tarde.
O Calendário Áureo, marcando um dia maravilhoso de Verão, a encharcar de luz toda Lisboa, assinalava um grande acontecimento, senão mesmo o de maior projecção, nas Comemorações Centenárias: a inauguração do Mundo Português!

A «Lisboa dourada» — mundanamente representada, a par da civiltativa oficial, com Sua Ex.^a o Venerando Presidente da República e Governor, e o «estado maior» brilhante dos realizadores do formidável conjunto que marcará a méta das peregrinações votivas do País inteiro, representada, repetimos, ainda por um Público escolhido — empresta hoje ao acto de Belém uma ambiência solene e distinta, escoando-se por entre a modesta moldura do Povo anónimo, que espera a sua vez...

Privilegiada, como não podia deixar de ser, não será menos espontânea, nem menos emotiva, nem menos vibrante do que a massa imensa que daqui a horas cobrirá o recinto vasto e deslumbrante do excepcional Certame!

O Sol brilha mais lá no alto, em catadupas de ouro sobre os homens e as coisas...

Sua Ex.^a o Sr. Presidente da República e civiltativa entra nesta outra Cidade-Maravilha, urbe em miniatura, mas museu imponente, modernamente traçado, de Oito Séculos de Nacionalidade!

As suas mãos de pioneiro português vão inaugurar a Exposição do

nosso Mundo, que conquistamos, batalhando, e evangelizamos, rezando... Momento único, impressionante! Almas ao alto, tomadas de emoção bendita de um orgulho justificado, pasma-se da verificação do maior milagre dos tempos, incomensuravelmente maior que o do tempo em que tudo o que nossos olhos vão ver foi pensado, delineado e realizado: o milagre de poder viver-se tão involudável momento, em plena Paz, quando a Europa sofre a calamidade de uma cruenta Guerra!

Lá sobe na mastro de honra o pavilhão da Exposição, Cruz de Cristo sangrando sobre o verde da nossa firme Esperança! Troam os canhões, estrealjam os foguetes e morteiros, silvam cirenes e buzinas automóveis, aos milhares! Fixou-se no alto, e, olhando-o, agradecia-se à Providência o milagre. Simultaneamente, milhares de bandeiras sobem noutros mastros, espalhados pelo recinto e terrenos desta obra gigantesca!

Mas as almas só vêem o pavilhão inaugural, sentindo bem que

*Das cruces que temos visto
E das mais que hemos de ver,
Nenhuma pode valer
O que vale a Cruz de Cristo!*

Está aberta a Exposição! E agora, lá dos Jerónimos, fundo esplendoroso do belo cenário que a nossa gulosa vista abraça, saltam-se milhares de pombos brancos, confirmando a miraculosa circunstância que atrás fixamos.

Acompanham seu vôo airoso e leve, como nívem de branca pureza no azul do Céu lustada, os desejos de Paz de toda a Nação, feliz com a Paz que disfruta!

Mensageiras do Amor, que elas, aonde quer que chegarem, despertem as almas para a união indispensável de todos os portugueses, longe de ódios e dissídios! Asas da Paz as pombas brancas partidas de Belém!

Eis-nos no Teatro, repleto de gente, nesta «première» gigante de obra nunca vista...

Os discursos oficiais, do Comissário Geral e do Ministro das Obras Públicas, vão ouvir-se, em exaltação do cometoimento e pública homenagem aos seus obreiros.

A grande Imprensa levá-los-há de les a les do País e a Emissora deu-os a todo o Império!

Antes, porém, a nossa sensibilidade, desequilibrada, tocada, pelo que vivamos e nos impressionara, vibra e a emoção, até às lágrimas, chocan-nos e deslumbram-nos, num embevecimento imprevisivo: à entrada do Sr. General Carmona, para presidir à sessão, surge, esbelta e de alvura imaculada, num varandim, Felita Correia, com uma palma, e iluminada por dois projectores verde e vermelho, entoando a «Portuguesa» — o Hino Nacional...

Nunca, prezados leitores, o Hino de Portugal teve para nós o sabor heróico e místico de então! A teatralidade da realização perdeu-se na impressão forte sentida: ver a própria Pátria, remocada e sempre linda, que ali estava, rezando o Hino desta nossa Terra imortal!

Segue-se a visita oficial à Exposição e reservamos para os leitores amplo relato, em próximas Reportagens, de cada um dos Pavilhões e sectores, antepreparando a romagem que hei-de fazer a esta enternecedora e maravilhosa Cidade simbólica.

Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República retira affim, encantado com tudo o que viu, jámais feito em terras de Portugal.

Cá fóra, o crepúsculo a encher de sombras ligeiras aquela cidade-sonho, o Povo é mar largo de ansiedade e expectativa. Dentro de pouco ser-lhe-há dado ingresso...

É a sua vez!

Segunda, 24, à noite.

O Povo de Lisboa, não considerado o que se encontra na Exposição, está no Terreiro do Paço, Rua Augusta, Rossio e Avenida da Liberdade!

Bom *gourmet*, não quer perder o seu «prato» predilecto: as marchas populares.

E chega, e aperta-se, ondula, ansioso por dar largas ao seu entusiasmo, vendo passar os seus, os lá do Bairro, os melhores do Mundo, em seu dizer chistoso, mas convicto...

Com uma pontualidade rigorosa, e nestas coisas tudo se faz a tempo e horas, a grande «marcha» das marchas

populares sai do Terreiro do Paço e inicia o desfile.

Uma cornocópia de côres e luzes de enfeites e alegorias, entornou-se e alastra em cortejo de beleza excepcional, centenas de pares e milhares de figuras, em marcações de efeito e cantando as suas «letras», numa competição profunda, mas elegante, dentro da singeleza de suas pessoas.

A' alegria dos marchantes junta-se o entusiasmo do Povo espectador, e o folclore nacional escreve mais uma das suas mais ricas páginas!

A marcha luminosa, acarinhada, aplaudida, admirada, lá decorre, até ao fim da Avenida, por entre o clamor das grandes apoteoses.

Grande e inolvidável espectáculo do Povo para o Povo!

Esta e aquela marcha cantam
Ai vai Lisboa...

e, verdadeiramente, há pouco, com o desfile, e agora, com o debandar da multidão alegre e feliz, vaidosa de seus pergaminhos baírristas, é bem Lisboa que nós vemos passar, até altas horas, a caminho de casa, relembrando harmonias e estribilhos, mas não esquecida da abençoada canção do Trabalho, erguida bem cedo para os mais rudes mestères, depois da sua noite!

Capital do Império, 25 de Junho.

da cidade

Diversas Notícias

Exposição em Coimbra

Esteve em vários pontos do Alto Minho, onde foi escolher peças de ourivesaria destinadas à exposição de Ourivesaria Portuguesa, a realizar em Coimbra, o nosso prezado amigo sr. Alfredo Guimarães, illustre director do Museu Alberto Sampaio, que ante-ontem partiu para aquela cidade.

Bombeiros Voluntários de Guimarães

A Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, em sua última sessão, resolveu: louvar o ex.^{mo} Comandante, graduados e praças que compõem o Corpo Activo desta Associação Humanitária, pelo entusiasmo e espirito de disciplina com que correspondem à mobilização feita pelo sr. Governador Civil do Distrito de Braga durante as Festas Centenárias em Guimarães, e, ainda, pelo apromo com que se apresentaram na Parada de Homenagem ao Fundador da Nacionalidade.

Legião Portuguesa

Com a assistência do Comandante Distrital da L. P. e outras entidades, realizou-se no domingo o juramento de Bandeira dos novos legionários do Batalhão n.º 13, com sede nesta cidade.

O acto, que foi precedido de uma missa, celebrada na igreja de N. S. da Oliveira pelo capelão do Batalhão, sr. P.^o Antonio Pires Quesado, realizou-se no Campo de Benheval, tendo discursado sobre o significado do mesmo o Comandante sr. Tenente Ernesto Moreira dos Santos.

Teatro Martins Sarmento

A Empresa Jordão & C.^a comunica-nos que, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, se encontram encerrados os camarotes e balcões em todos os espectáculos, à excepção dos de declamação ou outra exhibição especial.

Tenente Arantes Lopes

Por ter de retirar-se para a Colónia de Moçambique, onde vai prestar os seus serviços profissionais, abandonou as funções de delegado da Direcção dos Serviços de Censura o sr. Tenente Arantes Lopes, que teve a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos.

Agradecemos e desejamos ao illustre Oficial as maiores prosperidades.

F. Silva Pereira

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado camarada do «Jornal de Ilhavo», sr. F. Silva Pereira, distinto Revisor Técnico Tipográfico, da Casa Marques Abreu, do Pôrto.

Banho fatal

Por volta das 14 horas de quinta-feira, ao regressarem da escola primária de Santo Estêvão de Urgezes, d'este concelho, alguns rapazes resolveram tomar banho numa póça de grande profundidade, na quinta da Mouta, freguesia de Povoreira, a qual é servida pelo regato de Pinheiro, e com tanta infelicidade, que um deles, de nome Manuel Monteiro, de 13 anos, filho de Francisco Monteiro e de Ana da Conceição, residentes no lugar do Monte de Urgezes, recebeu afogado.

O infeliz rapaz preparava-se para fazer exame de 3.^a classe num dos primeiros dias da próxima semana.

Sindicatos Nacionais

Foi nomeado para exercer o cargo de Cartório-Chefe dos Sindicatos Nacionais, de Metalurgia, Panificação

e Marceneiros, o sr. António Pádua da Silva.

Cemitério Municipal

No mês de Junho o movimento de enterramentos no Cemitério Municipal foi o seguinte:

Adultos, sexo masculino, 3; idem, sexo feminino, 6; adolescentes, sexo masculino, 7; idem, feminino, 9. Total, 25.

Desde o dia 1 de Abril até 30 de Setembro, o cemitério abre às 9 horas e fecha às 19.

Registo Civil

Durante o mês findo houve nesta repartição pública o seguinte movimento:

Nascimentos, 226; casamentos, 19; óbitos, 96.

Cruzeiro da Independência

A Junta Central do Corpo Nacional de Escutas pediu licença à Câmara para erguer um «Cruzeiro da Independência», nesta cidade, conforme projecto apresentado.

O pedido foi deferido, devendo o «Cruzeiro» ser colocado no Largo da República do Brazil, para o que será ouvida a Comissão de Estética.

Confraternizando

Em almôço de confraternização reuniram-se na nossa encantadora estância da Penha os médicos que, em 1900, concluíram o seu curso na Faculdade de Medicina do Pôrto. Dêsse Curso faz parte o nosso prezado amigo e distinto clinico sr. Dr. Alberto R. de Faria.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Normal, ao Tournal.

Boletim Elegante

Pedido de casamento

O Rev.^{mo} Francisco de Oliveira, dig.^{mo} pároco de Urgezes, pediu em casamento para o nosso amigo sr. José Teixeira, activo comerciante, sócio da firma Jacinto Teixeira & Irmão, Ld.^{os}, filho do também nosso amigo sr. Avelino Teixeira, a sr.^a D. Arminada Dias Pereira, inteligente regente do Posto Escolar de S. Tiago de Candoso, filha do sr. Domingos de Sousa Oliveira.

Aos noivos desejamos muitas prosperidades.

Aniversário natalício

Passou na sexta-feira o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. Belmiro dos Santos Martins. Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Partiu para as suas propriedades de S. Torcato, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimentu Machado.

Partiram com suas famílias para a Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos sr. Manuel Marques e dr. José Maria de Castro Ferreira.

Partiu para o Vidago, onde vai fazer a sua habitual cura de águas, o nosso prezado amigo e estimado capitalista sr. Gaspar Lopes Martins.

Encontram-se na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos sr. António Neves e Avelino Ferreira Meireles.

Doentes

Mário de Sousa Menezes — Esteve doente, mas já se encontra restabelecido, com o que muito folgamos, este nosso querido amigo e illustre Professor da Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda», a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Esteve bastante incomodada, tendo já experimentado sensíveis melhoras, a esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Lopes Martins.

Têm passado doentes os nossos prezados amigos sr. drs. Isalva Vieira de Castro e João de Oliveira Bastos.

Têm passado incomodadas as sr.^{as} D. Carlota Cardoso Guimarães e D. Maria José Queiroz Dias de Castro.

Em Vizela, encontra-se bastante doente o nosso prezado amigo sr. José Joaquim da Silva.

Desejamos as suas melhoras.

FALEGIMENTOS e SUFRÁGIOS

Anjinho
Com poucos dias de existência voou ao Céu um inocente filhinho do nosso prezado amigo sr. Agostinho Dias Pinto de Castro. Os nossos cumprimentos.

Bernardino Jordão
Na capela da V. O. T. de S. Domingos celebrou-se na segunda-feira uma missa de «Requiem», seguida de «Liberá-me», em sufrágio da alma do sr. Bernardino Jordão.

Ao acto assistiram a família do saudoso extinto, a Mesa da V. O. T. de S. Domingos, instituições benéficas e numerosas pessoas das relações do extinto e de sua família.

Em Braga, onde há anos residia, finou-se o nosso conterrâneo sr. Francisco Ferreira de Andrade.

Contando apenas 16 anos, faleceu na segunda-f.^a, o sr. Elisio Tei-

TEATRO MARTINS SARMENTO E M P R E S A JORDÃO & C.^a

QUARTA-FEIRA, 10 de JULHO
= A's 21 1/2 horas =

A Companhia de Comédia
MIRITA CASIMIRO --VASCO SANTANA

representa uma das comédias de maior êxito nos últimos tempos

JOÃO NINGUÉM

a corôa de glória da actriz MIRITA CASIMIRO, em que tomam parte os consagrados artistas VASCO SANTANA, MANUEL SANTOS CARVALHO, FILOMENA LIMA, MARIA CRISTINA, EMA DE OLIVEIRA, EVANGELINA BASTOS, FRANCISCO COSTA, PEREIRA SARAIVA, REGINALDO DUARTE, SEIXAS PEREIRA

BILHETES Á VENDA

HOMENAGEM ao Sr. Comand. Carvalho Crato

Taipas, 5.
A's 17,5 horas do pretérito sábado, visitou esta ridente estância terminal o illustre Governador Civil, Ex.^{mo} Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira, a quem os taipenses dedicam o melhor da sua estima e que, por isso, era aguardado pelos Ex.^{mos} Srs. Drs. João Antunes Guimarães e João Rocha dos Santos, respectivamente illustre Deputado da Nação e Presidente da Câmara de Guimarães, Comandante da G. N. R., Comandante Carvalho Crato, Major-médico Machado Guimarães, Junta de freguesia, P.^o Silva Gonçalves, outras individualidades em destaque, Bombeiros Voluntários, Legião Portuguesa, criança das escolas e respectivos professores, 3 bandas de música e muitas centenas de pessoas de tôlas as categorias sociais, sendo-lhe feita uma carinhosa e entusiástica recepção.

Vida Católica

Padroeira da Cidade — A Mesa da Irmandade de N. S. da Oliveira a que dignamente preside o sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, resolveu levar a efeito no dia 15 de Agosto e com a maior imponentia possível a festividade em honra da Padroeira da Cidade, com uma majestosa procissão e outros actos religiosos.

S. Gualter — Está a reorganizar-se a antiquíssima Irmandade de S. Gualter, erecta no templo de S. Francisco e que estava para ser extinta por contar apenas dois irmãos.

Espera-se que a Irmandade se encontre já organizada no próximo mês de Agosto, por ocasião das Feiras Francas e Festas que, como de costume, se realizam nesta cidade.

Irmandade da Penha — Tendo-se procedido, no passado domingo, à Assembleia Geral da Irmandade de N. S. do Carmo, da Penha, verificou-se o seguinte resultado: Juiz, José Luiz de Pina; Secretário, P.^o Gaspar Nunes; Tesoureiro, Pedro da Silva Freitas; Procurador, João António Sampaio; Vogais: Armando Umberto Gonçalves e Luiz Ribeiro de Faria.

Acção Católica — Foi solenizada, nesta cidade, o «Dia Regional das Juventudes Católicas Femininas do Concelho de Guimarães», tendo havido às 11 horas missa na igreja de S. Francisco.

A's 13 horas realizou-se um almôço de confraternização na Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda», após o que se efectuou, no mesmo local, uma sessão de estudos.

A's 17 horas, na igreja de S. Francisco, celebraram-se outros actos religiosos.

EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

COMBÓIO ESPECIAL A LISBOA

Como temos noticiado efectua-se no dia 21 do corrente uma grande excursão a Lisboa, em combóio especial, cujos bilhetes terão a validade de 18 dias para o regresso.

O custo das passagens é: 2.^a classe, 115\$00; 3.^a classe, 80\$00, de quaisquer das estações desde Guimarães a Santo Tirso. Para os passageiros que tomem o combóio nas estações da Trofa ao Pôrto (S. Bento) respectivamente, o custo dos bilhetes é: 2.^a classe, 110\$00; 3.^a classe, 75\$00.

A viagem de ida, efectua-se em combóio especial, rápido e a de regresso, por qualquer combóio regular, dentro do prazo de 18 dias, à escolha do passageiro.

Aos passageiros deste combóio, é facultada a entrada na Exposição, com bilhetes a preços reduzidos. A inscrição encerra no dia 13 de Julho e encontra-se aberta nos seguintes locais: Estações do Caminho de Ferro do Norte de Portugal, Trofa; Comissão de Turismo, Merceria Braga & Carvalho e Casa das Gravatas, em Guimarães.

No Pôrto: Restaurante Freitas, Bonjardim; Antiga Casa Girão, Mounsinho de Albuquerque e Café Guarany.

Na Póvoa de Varzim: Club Naval e Café Universal.

Em Vila do Conde: Café Nacional e Casa «Cachiquo».

Pedir informações e esclarecimentos ao sr. David dos Santos Oliveira, chefe da estação de Guimarães.

O combóio tem paragem de 3 horas em Coimbra para almôço e visitas.

HOMENAGEM ao Sr. Comand. Carvalho Crato

Taipas, 5.
A's 17,5 horas do pretérito sábado, visitou esta ridente estância terminal o illustre Governador Civil, Ex.^{mo} Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira, a quem os taipenses dedicam o melhor da sua estima e que, por isso, era aguardado pelos Ex.^{mos} Srs. Drs. João Antunes Guimarães e João Rocha dos Santos, respectivamente illustre Deputado da Nação e Presidente da Câmara de Guimarães, Comandante da G. N. R., Comandante Carvalho Crato, Major-médico Machado Guimarães, Junta de freguesia, P.^o Silva Gonçalves, outras individualidades em destaque, Bombeiros Voluntários, Legião Portuguesa, criança das escolas e respectivos professores, 3 bandas de música e muitas centenas de pessoas de tôlas as categorias sociais, sendo-lhe feita uma carinhosa e entusiástica recepção.

S. Ex.^a foi recebido na sede da Junta de Turismo, aonde teve lugar uma luzida sessão solene, durante a qual usaram da palavra em nome da Junta de Turismo o nosso dedicado amigo sr. Uomás Rocha dos Santos, que nos mais liougeiros termos se referiu à nobilíssima figura do preclaro filho desta terra Ex.^{mo} Sr. Dr. Antunes Guimarães, a quem as Taipas muito devem — até a sua elevação à categoria de vila — aos srs. Comandante Carvalho Crato e Presidente da Câmara, para quem, em nome do povo das Taipas, tem também palavras de profundo reconhecimento pelos benefícios recebidos.

O sr. dr. Alfredo Fernandes, fala das Taipas a quem muito quer, dirigindo as suas saudações aos Ex.^{mos} Srs. Dr. João Antunes Guimarães e Comandante Crato pelo que têm trabalhado pelo progress e engrandecimento desta terra, ao primeiro dos quais devemos a sua recente elevação à categoria de vila.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. João Antunes Guimarães, que nunca se enfeitou com penas de pavão, manifesta a sua satisfação por as Taipas ter sido elevada à categoria de vila, e diz, os agradecimentos que lhe são dirigidos não lhe cabem a ele, mas sim ao Governor do Estado Novo que mais uma vez praticou um acto de Justiça e para o qual muito concorreu o S. Ministro do Interior.

Nesta altura, a esposa do Sr. Presidente da Câmara, Ex.^{ma} Sr.^a D. Ema Fernandes Rocha dos Santos, desceram o retrato do Sr. Comandante Crato, ouvindo-se uma estridente e ininterrupta salva de palmas, entre vivas calorosas ao Governor, ao Estado Novo, ao Sr. Ministro do Interior, a Portugal e ao Sr. Dr. João A. Guimarães, etc.

Falou o Sr. Governador Civil que se mostrou deveras sensibilizado com aquela manifestação e diz sentir uma alegria indiscutível sempre que tem de vir às Taipas, pela forma llana e distinta como este bom povo — friso S. Ex.^a — sempre o tem recebido dentro dos muros desta linda terra.

O Sr. Comandante Crato, usando da palavra, espraia-se em considerações de ordem diversa, mostrand a sua boa vontade em bem servir as Taipas e a sua fé no futuro desta estância, e agradecendo a prova de estima e apreço que acabavam de lhe dar.

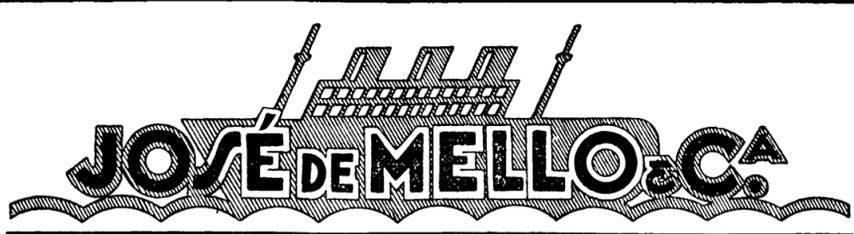
Mais palmas e muitos vivas ao Governor, ao Estado Novo, ao Dr. Antunes Guimarães, às Taipas, ao Comandante Crato, etc.

Decorreram animadíssimas e com certo brilho as tradicionais Festas de S. Pedro, que tiveram desusada concorrência.

Foram muito apreciados os concêrto pelas bandas de música que se houveram a altura, merecendo especial referência — sem desprimor para ninguém — a Banda de Freamunde, que se revelou um conjunto de artistas de grande mérito.

O arraial minhoto, no Parque, esteve muito bom, e os fogos, tanto do ar como aquático agradaram muito, sendo para lamentar certos desaires à conta da entrada que era da irrisória quantia de 50 centavos, não sabemos se originados pela falta de conhecimentos de uns, se pela falta de... paciência de outros!

Enfim!... — C.



**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

Capelas Reais

O 1.º Patriarca foi D. Tomaz de Almeida que era bispo do Porto que recebeu o *pálio* na igreja de S. Sebastião da Pedreira das mãos do bispo do Algarve D. José Pereira de Lacerda recebendo o chapéu cardinalício, em 20 de Dezembro de 1737, pelo dito Clemente XII.

D. João V, em 1719, já com o fim do Patriarca manter a sua dignidade e o seu novo estado, deu-lhe perpetuamente para ele e seus sucessores 220 marcos de ouro anuais, o que representava o peso de 3 arrábas.

A alta dignidade do cardinalato veio acompanhada de extraordinárias prerrogativas das quais, entre outras, distinguimos as seguintes: a nomeação do Patriarca devia estar em segredo até ser elevado a cardinal; o patriarca, embora não tivesse recebido o *pálio*, mas já tivesse feito a sua profissão de Fé e já estivesse de posse da bula da sua nomeação podia exercer alguns actos da sua alta dignidade, como dar a bênção ao povo, usar em público da Cruz pastoral e conceder as costumadas indulgências.

Não foi tal concessão coisa nova em Portugal, pois em Braga houve alguns prelados que mesmo sem as bulas da sua nomeação tinham governado a diocese.

O mesmo Pontífice outrossim determinava que o Patriarca, sendo um religioso de qualquer ordem monástica podia usar as vestes escarlates e insignias cardinalícias sobre o seu hábito, Frei Bartolomeu dos Mártires apesar-da Papa lhe oferecer graciosamente o uso do roquete, ée nunca se aproveitou desta graça, pelo grande amor que tinha ao hábito Dominicano.

O primeiro Patriarca era doutor em Canones e fôra Procurador da Fazenda e Estado da rainha, deputado da Mesa de Consciência, juiz do fisco Real, secretário das Mercês, chanceler-mor do reino, procurador das obras do Paço, bispo de Lamego e depois do Porto, onde veio empunhar o báculo patriarcal, de Lisboa, e tendo falecido em 27 de Fevereiro de 1754, foi sepultado na igreja de S. Roque, de Lisboa.

D. João V adornou e recheou a sua capela, já então patriarcal, de um luxo inaudito e inusitados, quer mandando fazer ornamentos preciosos, com uma generosidade incomparável, dentro ou fora do reino, quer adquirindo jóias de grande e inestimável valor, diversas alfaias de ouro e até várias reliquias. Mandou vir de Roma uma pia baptismal de mármore raiado de cores, com grades de bronze dourado, em volta, de artístico labor, feita na dita cidade, capital de Itália, pelo notável Agostinho Mascucci, chamou da mesma nação grande número de músicos e mandou vir uma imagem de N. Senhora em prata massiça com 8 palmos de altura.

Os 10 sinos da torre eram enormes. Assim o primeiro pesava 800 arrábas e só tocava por causa das pessoas reais, do Cardeal-Patriarca e dos Principais, o segundo pesa 152, só era tângido por causa dos fidalgos, titulares, etc., o terceiro 110 arrábas e o seu toque era para os beneficiados, o quarto de 87 arrábas, o quinto, 77 arrábas e tocava por causa dos sacristas, o sexto, 35 arrábas, o sétimo, 29 arrábas, o oitavo, 25 arrábas, o nono, 22 e o décimo, que era a chamada *garrida*, pesava 2 arrábas. O sino do relógio tinha o peso de 331 arrábas, o das meias horas, 272 e o dos quartos, 10 arrábas e 25 arráteis.

A capela real patriarcal foi sagrada pelo Patriarca com a máxima solenidade em 13 de Novembro de 1746 sob a invocação de Salvador e N. S. da Assunção, cujas cerimónias duraram desde as 6 horas da manhã até às 4 da tarde.

Recta a capela real em basílica patriarcal o rei *magnífico* tornou o seu Cabido o mais singular — dizia ele no alvará de 15 de Janeiro de 1716 — entre todos os do mundo cristão e «pelo meu amplo poder os divido e quero que divididos sejam perpetuamente, concedendo a cada um as honras, privilégios e graças de que gozava a an-

tiga cidade, antes de ser dividida, determinava a todas as autoridades e justiças e tribunais da cidade que em todos os papéis expedidos, tanto em particular como em comum, em todos se fizesse distinção, cada uma com o seu distinto senado da câmara para bem do governo económico de cada uma delas».

D. João V para dar maior rendimento à colegiada que ordenou instituir com o nome de S. Tomé, na sua capela real, uniu-lhe as rendas das igrejas de Santa Maria e de Salvador, de Odemira, mandou o almoxarifado dos jugados de Santarém dar-lhe 40 moios de trigo, pagos ao prebendeiro da capela-real, que o almoxarifado dos Cinco, desse 4 contos, pagos ao tesoureiro que o de Abrantes desse 6.

As dignidades da Patriarcal eram os Principais, que os havia com diversos nomes; protonotários patriarcaes, diáconos patriarcaes, principais diáconos, acolitos patriarcaes e até cônegos não *insacris* que podiam usar mitra.

D. João V mandou vir de Roma, para eles, por um portilhão, diversas insignias, como chapéus, barretes, meias, sapatos encarnados e massas, em que vinham gravadas as armas, de que usavam quando iam para o Cabido. Além disto, ofereceu-lhes mais como lembrança primitivamente sua, dois chapéus, um cós de pessegueiro com grandes borlas e outro todo preto com guarnições de ouro fino, 300 e tantos metros de seda encarnada para fôrro das capas, sapatos pretos com salto encarnado e murças com as suas armas gravadas em prata que quando eles iam para o côro lhes eram apresentadas em uma bandeja por um maceiro.

Usavam o primeiro chapéu em trajos viatórios e o segundo quando iam para a Patriarcal. Cada Principal tinha um secretário particular.

O Príncipe tinha honras e mitra de bispo e quando morria dobrava o sino que pesava 800 arrábas.

D. João V encomendou para Roma a imagem da Padroeira da catedral, em prata, que demorou mais de dois anos.

O rei *magnânimo* tinha autorização pontifícia para proceder ao provimento das dignidades, conezias e mais beneficiados da catedral lisboense, se bem que o Patriarca também as podia nomear pela bula *Religiosa Christianorum Principum*.

Eram 24 os Principais, 12 os monsenhores, Cônegos, beneficiados, capelães e cantores em avultado número. Os Principais usavam de carruagens puxadas a seis, os monsenhores a quatro e os cônegos à boia.

Por causa do tratamento passou a capela real (catedral) para a capela dos morgues de Abrantes, denominada de S. Joaquim, sita nas visinhanças do convento dos religiosos dos Flamengos, no sítio de Alcântara.

O Papa Clemente XIV aboliu por uma bula de motu próprio as duas dioceses, reunindo-as em uma só.

O senado da Câmara dividido em Oriental e Ocidental foi reunido em um só sob a denominação de Senado da Câmara de Lisboa por alvará firmado em 1741.

Já um ano antes, em 13 de Dezembro de 1740 o Papa Bento XIV pela bula *Salvatoris Nostris* determinara que as duas dioceses se fundissem em uma só denominada Patriarcal de Lisboa, sendo em 21 de Julho de 1741 pela bula *Divinis Præceptoris* instituído um Seminário no palácio pertencente ao arcebispo da igreja oriental e neste Seminário se anexaram os rendimentos de 5 cadeiras canónicas antes existentes na Basílica Patriarcal.

As cadeiras eram do Deão de Lisboa, arceidiago de Lisboa e de Santarém, Mestre Escola e da conezia chamada vulgarmente de Mafra.

O decreto régio que anunciava a mercê pontifícia da instituição de uma basílica Patriarcal na Capela Real, indicava também a composição do Senado da Câmara, o qual se dividia competindo a cada um dêles o seu presidente e três vereadores, um procurador da cidade e dois de mesteres e um escrivão, cujo decreto saíu da Chancelaria de D. João.

O decreto régio que acabou com esta divisão encontra-se arquivado no

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

(Para a venda de uma propriedade por meio de propostas em carta fechada)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Guimarães, e pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial da mesma comarca, no dia 21 do próximo mês de Julho, por 12 horas, no Tribunal Judicial, e nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público na comarca move contra Emilia da Silva, viúva, moradora na freguesia de Santa Cristina de Longos, desta comarca, seu filho, Manuel de Oliveira e mulher, Maria Antunes, da mesma freguesia, e ainda sua neta, Isabel Ribeiro, menor de 16 anos, moradora com sua mãe na freguesia de Ferreiros, comarca de Braga, se há-de proceder à abertura das propostas, que forem apresentadas, em carta fechada, até àquela altura, por qualquer meio na Secretaria Judicial, para o que são convidadas todas as pessoas que nisso tenham interesse para assim se vender a seguinte propriedade: — A propriedade da Boa-Vista, situada no lugar do mesmo nome, da freguesia de Longos, desta comarca, composta de uma morada de casas térreas e telhadas e de terra de horta, com árvores de fruta e vinha. Descrita na Conservatória sob o N.º 33.318 e na matriz predial urbana sob o art.º 49. — Os proponentes devem comparecer, querendo, ao referido acto da abertura das propostas, a-fim-de se proceder à licitação entre eles, quando for caso disso, e, qualquer proposta apresentada não poderá mais ser retirada.

Guimarães, 29 de Junho de 1940.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Rodolpho Arthur d'Abreu.

O Chefe da 3.ª secção,
Luís Cândido Lopes.

Meias! Meias! Meias!

As melhores, o maior e mais completo sortido para homem, senhora e criança.

As meias da CAMISARIA MARTINS são sem defeitos, qualidades seleccionadas e as mais duráveis.

Tapetes e passadeiras. Artigos de bordar nacionais e D.M.C.

CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. 119

Aluga-se

uma casa com quintal. Falar na CASA DO PROPOSTO. 150

B. B. B.

Bom, bonito, barato: é o calçado da CAMISARIA MARTINS.

Grande sortido de calçado de lona em sola de borracha. Sapatos de fantasia, em cabedal, desde 22\$00!!! Sapatos para criança desde 6\$00!!!

Só na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. 121

livro 480, fôlhas 14, v.º, do Ministério do Reino, depositado na Torre do Tombo.

P.º Alberto Gonçalves.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

CEREJAS

Segundo N. Lemery, elas são cordeais, estomagnicas e apertivas.

Mas, antes de tudo, baseemo-nos no resultado da análise laboratorial.

Eis a composição média da cereja, no estado fresco: água 80, açúcar 10, hidrato de carbono 2, ácidos 1, albumina, 0,7, cinzas 0,6, celulose 6.

Como se vê, a cereja é um produto relativamente pobre em princípios nutritivos. Tal facto tem a sua importância para a terapêutica, pois assim dispomos de mais uma fruta que pode ser empregada, em doses regulares, nos doentes cujo estado justifica uma alimentação reduzida. E não abundam os frutos, nestas condições.

A cereja merece bem o epíteto de «engana fome».

E' à custa da referida fruta que artríticos obesos, ameaçados de perturbações circulatórias, sem nenhuma esperança no leite e na farmácia, podem encontrar melhores consideráveis, num regimen composto, por exemplo, de quilo e meio de cerejas e litro e meio de leite por dia.

E' certo que, após um mês de tratamento, esses doentes poderão perder muitos quilos, mas a sua fôrça não sofrerá alteração, antes aumentará.

Os diabéticos, igualmente, podem beneficiar, até certo ponto, com o emprego das cerejas. Além da pequena percentagem dos hidratos de carbono, elas contêm um açúcar dos mais assimiláveis — a levulose.

O suco, mais ou menos ácido, que impregna a polpa, faz da cereja um fruto propício para acalmar a sede e refrescar as mucosas, discretamente, sem distender o estômago, como acontece, algumas vezes, com a ingestão de líquidos em demasia.

Todavia, os dispépticos, aos quais não convenham frutas cruas podemos indicar a cereja cozida, sob a forma de compota, ou doutra preparação de doçaria.

O fruto, nestas condições — amolecido e com a parte celulósica perfeitamente digerível — representa uma magnífica sobremesa, adaptável aos organismos delicados, às crianças, aos velhos, aos convalescentes.

Quanto ao pedúnculo da cereja, Tisset parece ter sido o primeiro experimenterador que empregou os «pés de cerejas» com o fim de aumentar a excreção urinária.

A medicina popular consagrou o uso deste incontestável diurético. E muitos clínicos, actualmente, prescrevem os pedúnculos nas afecções febris, cistites, litíases renal, nefrite... isto é, em todas as doenças onde importa aumentar o volume da urina.

A droga, nalguns casos, mostra-se superior a diuréticos de grande fama.

O professor Louis Rénon, numa das lições, indica uma receita que não custa nada a pôr em prática:

Faz-se ferver 30 gramas de pés de cerejas num litro de água, durante dez minutos; a decocção é lançada, fervente, sobre meio quilo de cerejas frescas, no verão, secas ou em conserva, no inverno. Após 20 minutos, passa-se o todo por uma peneira, espremendo ligeiramente.

Conforme a douta opinião do notável mestre, o produto obtido tanto pode ser dado às pessoas sãs como às achacadas.

Alguns terapeutas também empregam a goma mole e pastosa excretada pela casca da cerejeira. Segundo Dioscorides a tal goma, tomada duma cer-



CAMPIONATO CHARADÍSTICO

Resultados da 6.ª SÉRIE

Apresentamos as classificações da penúltima série do Torneio que se está disputando e que está em vias de conclusão.

Publicamos os relatórios dos competíssimos charadístas que os subcrevem, e aos quais apresentamos os nossos cumprimentos e agradecimentos pela valiosa cooperação prestada.

Como estamos a atingir o final do Torneio, mais uma vez pedimos, aos ex.ºs confrades que nos prometeram oferta de prémios, o favor de os enviar quanto antes, a-fim-de se distribuírem pelas respectivas categorias.

Relatórios

Prezado confrade LUSBEL.

Satisfazendo o pedido, que muito me honrou, de me constituir árbitro dos trabalhos charadísticos do n.º 6 da sua interessante e bem coordenada secção, manda a minha consciencia classificar, nas produções em verso:

1.º, n.º 436; 2.º, 540; 3.º, 479.

Mas devo dizer que, em igualdade de condições charadísticas daria o 1.º lugar a n.º 540 que é, de facto, um excelente trabalho de poesia.

Em prosa, entendo ser a melhor a n.º 372, pela simples razão de não topar com nenhuma boa... charadisticamente falado. Desculpem todos, e o confrade tem sempre ao seu dispor o

ALJOFE (LAC-FL).

Tabela de classificação

Verso: — 436, 540, 479, 406, 361, 376, 464, 494, 525, 510, 392 e 422.

Prosa: — 372, 416, 501, 447, 435, 413, 476, 381, 379, 452, 529, 449, 519, 396, 530, 486, 469, 461, 487, 414, 402, 394, 460, 450, 375, 474, 490, 506, 520, 536, 369, 383, 428, 499, 429 e 513.

Tabela de classificação

Verso: — 1.º, n.º 540-5 pontos; 2.º, 436-6; 479-8, 406-11, 361-16, 464-18, 376-21, 494-24, 392-28, 525-30, 422-33 e o 510-34.

Prosa: — 1.º, n.º 501-8 pontos; 2.º, 406-12; 381-21, 379-22, 435-24, 413-26, 486-35, 529-38, 372-39, 476-40, 449-42, 487-42, 452-50, 450-50, 447-51, 536-52, 402-54, 519-54, 460-58, 369-60, 474-63, 396-64, 375-65, 414-67, 394-68, 428-70, 383-71, 499-71, 506-75, 469-80, 530-80, 520-84, 490-85, 461-88, 429-91 e o 513-98.

Decifreadores

Alguém, Alvarinto, Castela, Conde, Dado, Diadema, Don Zé Franuln, E'di-p, Fidélis, Fosquina, Hanibal, Já Mexe, Jorubasil, Josilcar, Lérias, Madama Lérias, Miss Sporting, Mora-Rei, Oraval, Oteblo, Pacatão, P. de Inkin, Poole, Quico, Reirubi, Rei Texai, Romeu, Sabrigaita, Sinlno e Tinobe, 180 (totalistas); Emecepê, Etnop e Valis, 178; Agnus Matutus, Biscaro, Copofónico, Dropê, Erbelo, Morenita, Rei Viola, Rotie, X-8 e X-9, 177; A. L. C., 175; Labita e Vareira, 161; Olegua e Quim Mosquito, 119; Délia e Doralvas, 118; Avlis Yur, Carlos Melo, Degas, Ivanoff, John Biffe, Leinud, Rob, Vir Invictus e Zaroff, 108.

I Congresso Charadístico Português

A Comissão Executiva do I Congresso Charadístico Português, solicita, por nosso intermédio, a ajuda monetária dos nossos prezados colaboradores, a-fim-de poder fazer face aos pesados encargos que tal realização motiva.

Qualquer importância pode ser enviada àquela Comissão, Rua da Condição, 125 2.º-D.º — LISBOA.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Eguas Moniz, 85 — Guimarães.

RUVINA (L. A. C.)

Tabela de classificação

Verso: — 540, 479, 406, 436, 361, 464, 376, 392, 494, 525, 422, 510.

Prosa: — 379, 486, 501, 381, 487, 428, 499, 375, 416, 460, 450, 383, 413, 396, 435, 536, 449, 372, 452, 394, 474.

Câmara Municipal

Sessão do dia 3.

A Câmara resolveu: Aposentar Alberto Ribeiro de Araújo Faria, do lugar de escriturário de 3.ª classe da Secretaria da Câmara Municipal e nomear interinamente, para o exercício daquele cargo, Raúl Gaspar Mota Prego de Faria; aumentar a iluminação pública da Vila das Tai-

529, 476, 414, 402, 369, 429, 506, 469, 519, 520, 530, 447, 513, 461 e 490.

O meu prezado confrade e «satânico», colega, fêz mal (desculpe a ousadia) em recorrer à minha insignificancia charadística. Mal, por certo, — mas o melhor que sei — vou desempenhar-me da árdua missão que me confiou, consoante a tabela de classificação que, devidamente preenchida, devolvo. Para me não alongar em considerações desnecessárias, será suficiente que vinque a minha orientação e, assim, se verá logo a razão do meu modo de apreciar e votar:

a) — Não tolero as comas porque não admito o emprego de termos em aceção diferente do sentido geral da produção;

b) — Aprecio sobretudo a perfeição charadística e só depois a literária; nesta sobreponho a tudo a boa métrica, o ritmo e a nobreza ou delicadeza do assunto;

c) — Quero os «metais», nos seus devidos lugares.

E por aqui me quero sem pedir desculpas que julgo descabidas, visto ter a consciencia de que procedi de absoluta boa fé e com a maior isenção. Disponha sempre o meu prezado confrade do nulo préstimo do dedicado

SATANAZ.

Tabela de classificação

Verso: — 436, 540, 479, 406, 361, 494, 376, 392, 422, 525 e 510.

Prosa: — 416, 501, 369, 435, 529, 536, 413, 402, 381, 476, 519, 379, 449, 447, 450, 474, 486, 487, 506, 372, 452, 490, 414, 520, 460, 394, 383, 513, 429, 499, 428, 375, 530, 469, 461 e 396.

Classificação geral

Produtores

Verso: — 1.º, n.º 540-5 pontos; 2.º, 436-6; 479-8, 406-11, 361-16, 464-18, 376-21, 494-24, 392-28, 525-30, 422-33 e o 510-34.

Prosa: — 1.º, n.º 501-8 pontos; 2.º, 406-12; 381-21, 379-22, 435-24, 413-26, 486-35, 529-38, 372-39, 476-40, 449-42, 487-42, 452-50, 450-50, 447-51, 536-52, 402-54, 519-54, 460-58, 369-60, 474-63, 396-64, 375-65, 414-67, 394-68, 428-70, 383-71, 499-71, 506-75, 469-80, 530-80, 520-84, 490-85, 461-88, 429-91 e o 513-98.

Decifreadores

Alguém, Alvarinto, Castela, Conde, Dado, Diadema, Don Zé Franuln, E'di-p, Fidélis, Fosquina, Hanibal, Já Mexe, Jorubasil, Josilcar, Lérias, Madama Lérias, Miss Sporting, Mora-Rei, Oraval, Oteblo, Pacatão, P. de Inkin, Poole, Quico, Reirubi, Rei Texai, Romeu, Sabrigaita, Sinlno e Tinobe, 180 (totalistas); Emecepê, Etnop e Valis, 178; Agnus Matutus, Biscaro, Copofónico, Dropê, Erbelo, Morenita, Rei Viola, Rotie, X-8 e X-9, 177; A. L. C., 175; Labita e Vareira, 161; Olegua e Quim Mosquito, 119; Délia e Doralvas, 118; Avlis Yur, Carlos Melo, Degas, Ivanoff, John Biffe, Leinud, Rob, Vir Invictus e Zaroff, 108.

I Congresso Charadístico Português

A Comissão Executiva do I Congresso Charadístico Português, solicita, por nosso intermédio, a ajuda monetária dos nossos prezados colaboradores, a-fim-de poder fazer face aos pesados encargos que tal realização motiva.

Qualquer importância pode ser enviada àquela Comissão, Rua da Condição, 125 2.º-D.º — LISBOA.

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Eguas Moniz, 85 — Guimarães.

RUVINA (L. A. C.)

Tabela de classificação

Verso: — 540, 479, 406, 436, 361, 464, 376, 392, 494, 525, 422, 510.

Prosa: — 379, 486, 501, 381, 487, 428, 499, 375, 416, 460, 450, 383, 413, 396, 435, 536, 449, 372, 452, 394, 474.

ta maneira, acalma a tosse, mesmo rebelde, desperta o apetite, mostrando-se além disso útil nos portadores de cálculos. Galeno já havia salientado esta última virtude.

E ponhamos ponto final para que não suceda, como às cerejas, virem muitas palavras umas atrás das outras, aumentar demasiadamente esta crónica.

ADÃO

E' a melhor camisa, a mais confortável e de corte elegante. Padrões exclusivos. Não comprem outra marca, porque «Adão» é uma camisa que marca.

Vendedora exclusiva: CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. 122